

**JUDT, TONY. O MAL RONDA A TERRA: UM TRATADO SOBRE AS INSATISFAÇÕES DO PRESENTE. RIO DE JANEIRO: OBJETIVA, 2011.**

*Deolindo de Barros\**

- Tony Judt (1948-2010), nascido na Inglaterra e radicado nos Estados Unidos aonde viera falecer em 2010 com sessenta e dois anos, fez uma carreira brilhante e deixou trabalhos de grande envergadura e reconhecimento. Autor/editor de pelo menos 12 (doze) livros, entre eles “Um tratado sobre os nossos atuais descontentamentos”, “Reflexões sobre um século esquecido: 1901-2000”, “Passado imperfeito”, “Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945” etc., lecionou em diversas e destacadas universidades (Cambridge, Oxford, Berkeley e New York University), e em 1995 criou o Remarque Institute (destinado ao estudo da Europa), onde também foi professor e diretor. Igualmente contribuiu amiúde para jornais e revistas (New York Times, New Republic, New York Review of Books e Times Literary Supplement). Ganhou prêmio (Hannah Arendt, em 2007) e o seu livro (Pós-Guerra) também foi distinguido (prêmio de livros Arthur Ross, do Council on Foreign Relations).

“O mal ronda a terra” figura entre as magníficas obras políticas de todos os tempos, haja vista ser um texto cativante, ponderado e marcado pelo espírito de humanidade. Judt tece sabiamente a sua análise à luz de doutrinas e ensinamentos de

---

\* Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

diversos clássicos consagrados no campo da análise da teoria e filosofia política, história socioeconômica e filosofia moral, renomados literatos etc., entre eles: Adam Smith, John Maynard Keynes, John Stuart Mill, Karl Marx, Alexis de Tocqueville, Oliver Goldsmith, George Orwell, Liev Tolstói, Karl Mannheim, Stefan Zweig, John Betjeman, Friedrich Hayek, Raymond Aron, Isaiah Berlin, Péricles, Edmund Burke, Ralf Dahrendorf, Karl Popper, Daniel Bell etc.

Ele recorre à última das onze teses de Marx sobre Feuerbach para nos lembrar de que os filósofos interpretaram o mundo de diferentes maneiras, porém do que se trata doravante é mudá-lo. Eu complementaria com Goethe (escritor alemão), em que este exímio literato nos lembra de que o saber não basta, temos de o aplicar. A vontade não basta, temos de atuar. Atuar mirando o futuro, mas sem abandonar as heranças e os legados do passado.

Sob a forma de comentário e ensaio político, no texto ora em análise o autor contesta a forma como vivemos atualmente. Durante as últimas três décadas foi visto como uma virtude a procura pelo conforto material enfatizando a própria vantagem. Poucos refletem a respeito do valor das coisas, apenas sabemos o seu preço. Da mesma forma, uma ação legislativa ou uma deliberação judicial não nos causam mais perplexidade: é certo? É justo? Está em conformidade? Satisfaz a opinião pública? A sociedade/o mundo florescerá com isso? Apesar de suas difíceis respostas, geralmente eram essas as questões políticas. Recolocá-las deve ser a nossa nova tarefa.

Os flagelos e mazelas sociais que afligem a coletividade encontram-se condensados nesse texto daquele que é considerado um dos mais interessantes pensadores e historiadores da contemporaneidade. O instrumento para contestar tanto o antigo socialismo degenerado/corrompido bem como o individualismo exacerbado da direita radical, e também como tratar as carências coletivas, pode ser encontrado em "O mal ronda a terra". O horizonte analítico de Judt é o passado recente, ou seja, os derradeiros 30 anos, período que abarca não só a queda do Muro de Berlim/dissolução da União Soviética (fim do comunismo) e o

predomínio da única superpotência mundial (capitalismo liberal), como também de maiores impactos econômicos, políticos, sociais, culturais, humanitários, ambientais e estéticos do fenômeno da globalização, em que ele sugeriria não priorizar a simples eficiência em detrimento do respeito à igualdade de direitos. Caso negligenciarmos considerações éticas e todas as referências a metas sociais mais amplas, e limitarmos às questões de eficiência e produtividade econômicas, corremos o risco de reduzir a expectativa de inverter seu curso.

(...) A eficiência não deve ser invocada para justificar a profunda desigualdade; tampouco pode ser usada para suprimir a divergência, em nome da justiça social. É melhor ser livre do que viver num Estado eficiente, de qualquer matiz ideológico, caso a liberdade seja o preço para a eficiência (Judt, 2011: 183).

Deveríamos combater os flagelos sociais e preparar um mundo melhor (para as gerações vindouras) em vez de continuarmos a enfatizar unicamente as forças do mercado/o capital.

A desigualdade é corrosiva. Faz com que as sociedades apodreçam por dentro. O impacto das diferenças materiais exige algum tempo para se manifestar, mas aos poucos a competição por status e bens aumenta; as pessoas desenvolvem uma sensação de superioridade (ou inferioridade) baseada em seu patrimônio; cresce o preconceito contra os que ocupam os patamares inferiores da pirâmide social; o crime se agrava e as patologias ligadas à desigualdade social se destacam ainda mais. O legado da acumulação desregulada da riqueza sem dúvida é amargo (Judt, 2011, p. 30).

Ao observar os trabalhos de Judt, tanto o texto ora em análise, bem como outros cujos títulos por si sós já demonstram ser bastante sugestivos, conclui-se facilmente o quanto o autor é um inconformado e insatisfeito com as inquietações da nossa era,

e a vontade que ele nutre de não deixar incontestes as verdades estabelecidas. Ele constata que o sangue vital a uma sociedade aberta é a disposição de discordar, rejeitar e dissentir (ainda que no limite isso gere muita exasperação). Virtuoso é aquele que se opõe ao pensamento consagrado. Uma democracia do consentimento imutável não perdura como democracia.

Judt (2011) argumenta que não é própria da condição humana o caráter materialista e autocentrado da vida contemporânea. É da década de 1980 muitas das coisas que atualmente aparentam como sendo “naturais”, notadamente a distância cada vez maior entre pobres e ricos, o desejo mórbido de se enriquecer, a devoção à privatização e ao setor privado. E, sobretudo, o discurso que “embasa” tais conceitos – o mito do crescimento contínuo, a subestimação do setor público e o culto dos mercados livres de restrições. A respeito desse último, nada mais ilusório e contraditório. Com acuidade, Judt nos mostra como o austríaco Karl Popper declara ser paradoxal a noção de mercado livre, na medida em que caso não haja a intervenção do Estado, outras organizações semipolíticas, naturalmente trustes, sindicatos, monopólios etc., entrariam em campo, limitando a ideia de liberdade de mercado a uma mera imaginação.

O nosso problema é como abordar o que precisa ser feito, e não o que fazer. Antes de desejar resolver um problema, devemos ser capazes de nomeá-lo. Sobram motivos para se estar insatisfeitos: oportunidades e riqueza sempre em crescentes iniquidades; injustiça de classes e castas; conflitos étnicos e genocídios; extermínios de grupos raciais ou religiosamente minoritários; expropriação econômica interna e internacional; prerrogativas, dinheiro e corrupção aniquilando a democracia etc. Enfim, vivemos um tempo devastado por toda sorte de inseguranças: econômica, física, política, social, humanitária, alimentícia, climática etc. E são justamente essas inseguranças que fomentam o medo do qual uma vez mais somos vítimas (medo da decadência, da perda do emprego e/ou trabalho, da transformação, dos estranhos e de um mundo que não conhecemos). Deste modo, a confiança e a interdependência,

dois pilares sobre as quais assentam as sociedades civis, estão cada vez mais minadas.

Diversos foram os temas que mereceram a atenção do autor nesse texto, e que decerto são do interesse do grande público, entre eles sobressaem a política internacional (1989), cultura política, mudança social, problemas sociais (países em desenvolvimento), democracia, socialismo, história moderna (século XX), história econômica (1990), civilização moderna (século XXI) etc., todos eles analisados com lucidez e perspicácia pelo autor, e, como já observado, no quadro das mudanças ocorridas nos últimos três decênios.

Para além da introdução (Um guia para os perplexos) e da conclusão (O que vive e o que morreu na social-democracia?), a obra é composta por seis capítulos, em que o autor tenta orientar particularmente os mais jovens e iniciantes no seu engajamento e contestação a nosso atual estilo de vida e forma de estar na sociedade e no mundo, e não só. Já que gozamos de liberdade por fazer parte de uma sociedade não sujeita a grilhões da opressão, indignar-se contra o mal-estar do nosso mundo deveria ser a nossa missão. O autor nos instiga a lutar contra tudo o que estamos certo de que está errado.

“O modo como vivemos hoje” é o primeiro capítulo do ensaio, nele o autor aborda assuntos como a abundância privada e a miséria pública, sentimentos corrompidos, peculiaridades americanas, economicismo e seus descontentamentos. Já o segundo capítulo, “O mundo que perdemos”, por sua vez focaliza questões em torno de consenso keynesiano, mercado regulamentado, comunidade, confiança e objetivo comum, grandes sociedades etc.

No terceiro capítulo intitulado “A insuportável leveza da política”, temas como o sarcástico legado dos anos 1960, a vingança dos austríacos, o culto do privado e o déficit democrático ganham destaque na análise do autor. O ano de 1989 e a derrocada da esquerda, as ironias do pós-comunismo e indagações a respeito do que aprendemos com esses eventos finais da Guerra Fria são centrais no quarto capítulo – “Adeus a tudo isso?”.

“O que deve ser feito?” é o principal questionamento do quinto capítulo, em que Judt trata de temáticas como o porquê da discordância, o restabelecimento do debate público, a reabertura da questão social e indaga sobre uma nova narrativa moral bem como o que desejamos. Por último, o sexto capítulo – “A história do futuro” – o autor explana sobre globalização, Estado, a política do medo etc.

Na conclusão da obra Judt nos apresenta uma observação interessante a respeito do passado que cabe aqui destacar. Ele recorre-se ao filósofo político Edmund Burke (1729-1797), ilustrando como o passado pode nos ensinar. Burke, ao criticar duramente a Revolução Francesa, chamou atenção para o perigo da tendência dos jovens olharem somente em direção ao futuro negligenciando o passado. A sociedade, observou Burke, (...) “é uma parceria não só entre quem está vivo, mas entre os vivos, os mortos e os que estão por nascer” (apud Judt, 2011, 209).

Do mesmo modo, a primeira tarefa é nos lembrarmos das conquistas do século XX, bem como das prováveis consequências da pressa irresponsável em desativá-las. Isso pode soar menos excitante do que planejar aventuras radicais grandiosas para o futuro, e talvez seja mesmo. Mas, como o teórico político britânico John Dunn observou com sabedoria, o passado é um pouco mais iluminado que o futuro: nós o vemos com mais clareza (Judt, 2011: 200).